



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOÃO DA SILVA COSTA

LITERATURA DE CORDEL: A POÉTICA DO ROMANCE O PAVÃO MISTERIOSO.

Guarabira

2014

JOÃO DA SILVA COSTA

LITERATURA DE CORDEL: A POÉTICA DO ROMANCE O PAVÃO MISTERIOSO.

Artigo apresentado em cumprimentos aos requisitos
Para obtenção do grau de Licenciado em Letras –
Habilitação Português/Inglês, à Universidade
Estadual da Paraíba – Campus III

Orientador: Prof. Ms. José Haroldo N. Queiroga

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837I Costa, João da Silva

Literatura de cordel: [manuscrito] : poética do romance o pavão misterioso / João da Silva Costa. - 2014.

16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: José Haroldo Nazaré Queiroga, Departamento de Letra e Educação".

1. Literatura de Cordel. 2. Romance. 3. Pavão Misterioso. I. Título.

21. ed. CDD B869.1

JOÃO DA SILVA COSTA

COMISSÃO EXAMINADORA

José Haroldo Nazaré Queiroga - 086936684-04-CPF
Prof.º Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

(Orientador – Presidente)

Marilene Carlo do Vale Melo CPF (090852.904-63)
Prof.ª Dra. Marilene Carlo do Vale Melo

Examinador(a) – 1

Wanilda Lima Vidal de Lacerda e CPF: 025.071.614-34
Prof.ª Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Examinador(a) – 2

Aprovado em 11/10/2014

Guarabira – PB

2014

Resumo

Esse trabalho aborda o imaginário do mundo da literatura de cordel, onde poetas populares criam suas fantasias e relatam suas histórias de vida em pequenos folhetos. O foco desse artigo é a obra o “Pavão Misterioso”, obra que analisaremos no intuito de conhecer o porquê de sua fama em todo o Brasil. Além disso, precisamos voltar alguns séculos para saber como surgiu essa arte da cultura popular. Usamos como fundamentos teóricos neste trabalho autores como: Câmara Cascudo, Marcos Haurélio, Joseph M. Luyten, Franklin Machado, entre outros.

Palavras-chaves: Literatura de cordel, romance, pavão misterioso.

1. Introdução

Apresentamos a obra o romance “O Pavão Misterioso”, de autoria do paraibano José Camelo de Melo Resende. E também faremos uma abordagem do surgimento da literatura popular desde o seu início, mostrando o processo de desenvolvimento e como esta literatura que a principio trouxe uma marca intelectual de oralidade, se tornou uma febre de folhetos espalhados pelo Nordeste do Brasil.

A arte do cordel é milenar e suas transformações foram moldando-se no decorrer dos séculos, até chegar ao cordel que conhecemos hoje. O paraibano Leandro Gomes de Barros foi uns dos primeiros poetas a fazer os folhetos impressos no formato como conhecemos hoje, e a vender o seu próprio trabalho. É considerado por muito pesquisadores o poeta campeão de publicações em obras cordelistas. “(...) Não é absurdo afirmar ser este autor o “pai da literatura de cordel brasileira”, já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim a estrada na qual os vates populares transitam ainda hoje”. (HAURÉLIO, 2010, p. 20).

Os folhetos eram normalmente impressos em um papel de baixa qualidade, tudo isso para evitar custos, pois os poetas não tinham dinheiro. Os folhetos eram vendidos em feiras livres por uma “mixaria”, pois a massa popular não tinha como pagar muito por estes folhetos. No ano de 1923 que foi lançado a primeira edição da obra o “Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Resende. Uma obra de inigualável sucesso na história de cordel.

Dando sequência no trabalho, continuamos o estudo da origem do Cordel, que surgiu na Idade Média, e, por fim, faremos uma análise da obra o “Pavão Misterioso”, com uma breve síntese do enredo e também apresentamos um pouco da biografia do autor, Jose Camelo de Melo Resende.

As pesquisas de levantamento de dados em manuais e livros históricos, sobre a cultura popular, foram fundamentais na busca da informação para elaboração desse artigo. No desenvolver do trabalho, será feita uma análise das falas dos personagens, através do qual podemos assimilar melhor o enredo do romance.

2. A origem da Literatura de cordel, e o seu ápice no século XX

Nos países ibéricos (Portugal e Espanha), entre os séculos XI e XII, no período denominado Idade Média, existiam ali os chamados “jograis recitadores” ou “menestréis ambulantes”; que entoavam suas cantigas em feiras, vilarejos e castelos. Foram estes poetas nômades os pioneiros a desenvolver a arte da cultura da oralidade.

Então a literatura popular apareceu no século XII como uma linguagem regional, diferentemente de toda Europa medieval que, naquela época tinha o latim como uma das línguas predominantes. E aos poucos, os referidos poetas nômades iam compondo seus versos de forma primitiva e cantando suas histórias. Naquele tempo, existiam três lugares religiosos muito famosos: Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela, locais de peregrinação para onde confluíam muitos dos cantadores ambulantes.

Foi desse modo que surgiram três rotas de convergência humana. Uma em direção ao sul da França, Provence, onde as pessoas se reuniam para chegar à Palestina. A outra era o norte da Itália, a região da Lombardia para se chegar em Roma. E a terceira rota era a Galícia, onde ficava o santuário do apóstolo Santiago. Foram esses peregrinos que contribuíam para expansão na literatura popular. Assim nos relata LUYTEN.

E exatamente nesses três lugares que começa a literatura popular, onde se concentravam poetas nômades (entre pessoas que tinham locomoção livre), que funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras. (LUYTEN, p. 20-21)

Posteriormente, com a invenção da imprensa, por volta de 1450, esta literatura que era somente oral, passou ser impressa em um papel precário, e comprada a preço baixo pela população. Desse modo, esta nova arte de escrever no papel, foi também se desenvolvido nos países da França, Itália e Alemanha.

Segundo os pesquisadores, o nome Literatura de Cordel vem de Portugal, onde os folhetos impressos eram expostos a vendas, pendurados em varais de barbantes, que em Portugal significa corda, surgindo deste modo o termo literatura de cordel. Esses “livrinhos” que conhecemos hoje, desde séculos passados, já faziam muito sucesso. Como nos afirma o pesquisador Câmara Cascudo.

Há uma literatura popular impressa, literatura de cordel, que os franceses denominam de colportage, que Charles Nizard estudou na França e que Teófilo Braga esboçou em Portugal. Ninguém decidiu sobre a velocidade inicial desses livrinhos. Saíram do povo ou foram incluídos, pela leitura, na oralidade anônima. (...) Esses livros vêm do século XV, do século XVI e continuam sendo reimpressos em Portugal e Brasil. (CASCUDO, 1984, p. 167).

Durante a Idade Média, reis e rainhas, imperador e imperatriz se entretinham com histórias sobre cavaleiros e dragões, bruxas e princesas. A exemplo do Imperador Carlos V que adorava ouvir as histórias contadas pelo Marquês de Aguilar. Já na livraria Del-rei D. Duarte, século XV, os livros de cavalaria misturavam-se com os de Tristão, Merlin, e o de Galaz, a entre outros.

As narrativas populares, de fundo heróico, satírico ou religioso, impregnarão a obra dos grandes escritores da Idade Média e do Renascimento. São muitos os exemplos, mas citemos a título de curiosidade, O gargantua, de François Rabelais, O Dom Quixote de Cervantes, A megera domada e O Mercador de Veneza, de Shakespeare. (HAURÉLIO, 2010, p. 30).

No decorrer dos séculos, precisamente a partir do século XIV, surgiram grandes histórias que marcariam para sempre a cultura popular, seja pela divulgação no mundo a fora, seja pela quantidade de reimpressões das mesmas. Ao citarmos algumas, temos: “*A princesa Magalona*”; “*História do Grande Roberto do Diabo*”; “*História da Imperatriz Porcina*”; “*História da Donzela Teodora*” e “*História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*” entre outras.

Uma das produções que fez muito sucesso em Portugal, desde o século XVI, assim como no Brasil, foi a da História da Imperatriz Porcina, mulher do imperador Londônio, de Roma. E ainda os contos portugueses trouxeram para o Brasil as histórias religiosas de encantamento e heroísmo, que aqui encontraram um “terreno fértil” para as mais diversas histórias extraordinárias que viriam a surgir em nosso país”. Como podemos perceber na afirmação de Câmara Cascudo.

“A Tradição manteve no espírito português esse corpus. E, no século do Descobrimento, no fecundo século XVI, partindo-se da expedição geográfica de 1501, as histórias populares de Portugal são semeadas no Brasil, para uma floração sem fim”... (CASCUDO, 1984, p. 170).

No Brasil, a Literatura de Cordel chegou através de nossos colonizadores portugueses, que se instalaram primeiramente na Bahia. Foi no final do século XVIII (1790), que se tem registro, os primeiros poetas populares que começam a narrar histórias em versos. É importante ressaltar que muitos destes poetas não sabiam nem ler, mas decoravam as histórias que eram cantadas em praças e feiras das cidades, servindo de distração para o povo nordestino sofrido.

Assim como lá na Idade Média, o surgimento da literatura popular no Brasil se deu pela oralidade, sendo, dessa forma, a precursora da literatura escrita se espalhando rapidamente pelas cidades nordestinas. Foram estes poetas populares, cantadores de improviso, que revolucionaram a literatura de cordel em nosso país. E era desse modo, recitando suas cantorias, que eles divulgavam os acontecimentos mais importantes do país. Assim, esses poetas que animavam o povo também os instruíam.

Embora exista em todo o território nacional, foi no Nordeste do Brasil que a literatura de cordel se desenvolveu de forma excepcional, sobretudo nos últimos 100 anos - justamente porque foi mais ou menos a partir desta época que o povo conseguiu fazer uso da Imprensa no Brasil. A grande vantagem da literatura de cordel sobre as outras expressões da cultura popular é que o próprio homem do povo imprime suas produções, e do jeito que eles as entende. (LUYTEN, p. 44)

Demorou um pouco para que a literatura de cordel fosse ser alvo de interesse de pesquisa e estudo pelos letrados acadêmicos, fato que ocorreu somente no final do século XIX (1800) e início do século XX (1900). Para a maioria desses estudiosos, foi o poeta paraibano, Leandro Gomes de Barros, o primeiro a imprimir e vender seus trabalhos, por volta do ano de 1890. “Com ele surgiu à figura do editor de Cordel que escrevia, publicava e distribuía a sua produção”. (HAURÉLIO, 2010, p, 20).

O século XX (1900) foi marcante para o cordel que se alastrou de uma forma impressionante pelo nordeste. Mas foi nos estados do Pernambuco, Paraíba e Ceará, que esta arte de escrever em versos se desenvolveu com mais intensidade. Era comum ver nas feiras livres ou nas praças, os artistas fazendo apresentações e ao mesmo tempo, vendendo os seus folhetos.

As apresentações eram bem animadas, o povo fazia uma roda e o poeta, quase sempre acompanhado de uma viola, entoava suas cantorias com os mais diversos temas: As glórias de Lampião, Os milagres de “padim Cícero”, e Os amores impossíveis. A seca e a fome também estavam presentes em seus versos, pois esta era uma realidade que esses poetas conheciam bem de perto, considerando que estas cantorias eram, na maioria das vezes, a única fonte de distração de um povo com uma vida muito sofrida.

A acolhedora cidade de Guarabira, carinhosamente chamada de “Rainha do Brejo” se tornou uma cidade referência, no que diz respeito à literatura de cordel, pois, nesta cidade, em 1920 se instalaram diversas tipografias, tornando a cidade um dos maiores centros de produção de folhetos de cordéis. Todo esse sucesso deve-se a chegada do renomado poeta Francisco das Chagas Baptista, que instalou na cidade a Tipografia Pontes, imprimindo os primeiros versos de cordel.

A cidade de Guarabira assumiu a liderança como centro produtor de folhetos de cordéis, no período compreendido entre 1918 e 1921. Neste apogeu, se inclui o tempo de Manuel Camilo dos Santos que vai até 1940, com a sua editora “Estrela da Poesia”, que teve consagrada atuação. (SOUZA, Antologia do Cordel – Guarabira – UEPB, 1996 p. 7)

Mais adiante chegaria em Guarabira o seu irmão, Pedro Baptista, este sendo compadre do genioso Leandro Gomes de Barros. Passando a residir na cidade

começa a publicar as suas obras e aos do seu compadre, reeditando a famosa obra “O Cachorro dos Mortos” de Leandro Gomes de Barros.

Atualmente os folhetos que vemos nas feiras são em sua maioria de 08 páginas, até por uma questão de economia, este passou a ser o formato mais utilizado. No entanto no século passado era comum ver os cordéis com 08, 16, 32 e tinha alguns que chegavam até 64 páginas.

O interessante é que tinha um significado qual fosse o seu tamanho. Os tradicionais de 08 páginas eram chamados de folhetos assim como conhecemos hoje; já os 16 páginas eram os romances, normalmente tratava de assuntos amorosos, em sua maioria trágicos e os 32 páginas em diante chamavam-se histórias e eram feitos pelos melhores poetas.

A Obra “Pavão Misterioso” foi utilizada no cinema, televisão e no teatro. Serviu de inspiração para a trilha sonora da novela Saramandaia da Rede Globo, no ano de 1977. Recentemente, foi lembrada no carnaval carioca, pela Agremiação Acadêmicos do Salgueiro, que teve como tema a literatura de cordel. Tal pavão misterioso representava o carro abre-alas. A referida agremiação obteve muito destaque e foi a vice-campeã do carnaval de 2012.

Transcrição de um fragmento do Samba Enredo:

“Que conquistou o romanceiro popular
Viagem na barca, a ave encantada
Amor que vence na lenda
Mistério pairando no ar”
(Cordel Branco e Encarnado
Samba Enredo – Salgueiro 2012. Autores: Marcelo Motta,
Tico do Gato, Ribeirinho, Dílson Marimba,
Domingos PS e Diego Tavares)

Em resgate à nossa cultura popular, que infelizmente vem sendo esquecida pela nossa sociedade, e que hoje está desvalorizada cada vez mais a arte produzida pelo o povo, muitas vezes chamada por alguns letrados de nossa sociedade de “brega” ou vulgar.

Temos neste trabalho a oportunidade de divulgar esta literatura popular, repleta de cultura que nos relata, em seus versos, as histórias vivenciadas pelo nosso povo. Será que os estudiosos não sabem que, ao ignorar esta forma de

cultura estão negando suas próprias origens? Já que é por meio dos cordéis, que as pessoas expressam os seus mais diversos sentimentos: amor, esperança, sonhos e, principalmente, a fé. Por isso que são históricos os folhetos de cordéis sobre o “Padim Cícero”, “Lampião” “Antônio Conselheiro”, entre outros. A exemplo citamos esta passagem sobre Pe. Cícero.

“Eu vou narrar a história
De um grande brasileiro
Um cearense de fibra
Com fama de milagreiro
Patriarca do sertão
Padre Cícero Romão
O santo de Juazeiro.”
(A história de Padim Cícero. VIANA, Arievaldo, p. 01)

O heroísmo, a religiosidade e as aventuras desses “grandes nordestinos” proporcionam um pouco de alegria para esse povo sofredor, que vive em uma região castigada pela seca e, muitas vezes, até fica sem comida na mesa. E muito deste povo não sabe nem ler, mas o “milagre” da literatura vai mais além, e ele decora histórias que são contadas perante a comunidade e assim ele se instrui mesmo sem saber ler, sabe o que acontece de mais importante no Brasil, graças aos folhetos de cordel.

O estilo romancista da obra o romance do “Pavão Misterioso”, nos permite acreditar que na sua criação teve inspiração nos contos das “Mil e uma Noites”. A cada estrofe lida, a curiosidade aumenta, em se conhecer o que acontece com os personagens, o enredo da história é maravilhoso. Por isso que essa obra alçou voos mais altos tornando-se tão publicada, e aclamada pelo o povo. A estrofe abaixo introduz o romance:

“Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou vôo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso”
(O Romance do Pavão Misterioso. Camelo, José de Melo Resende, p.01)

Assim, após a leitura dos primeiros versos do romance o “Pavão Misterioso”, o leitor, motivado pelo clima de mistério que o autor sugere, vai querer adentrar pelo mundo do imaginário e desvendar segredos que a leitura do texto sugere. Amor, suspense e drama são ingredientes dessa história, onde o mistério se faz presente

num “pavão voador” que lá Grécia levantou voo, com Evangelista e a Condessa para a cidade de Meca.

3. Literatura de cordel e poesia popular

A prosa e a poesia são dois segmentos que tanto a temos na cultura erudita, como na cultura popular. A poesia popular apresenta-se com mais intensidade onde há uma maior concentração de analfabetismo. São poemas onde há uma grande fixação de ideias, relatos; costuma ser contada. A poesia, no geral, tem possibilidade relevantes características na expansão ao nível público.

Já a prosa representa os contos, lendas e o teatro. Pois o teatro popular tem sua origem nos chamados autos medievais, onde eram, geralmente, apresentados antes ou após alguma cerimônia religiosa.

A cultura popular abrange todos os setores da vida de um povo, mas mesmo assim, é vista por muita gente como ultrapassada, empobrecida e desprovida de saber. “(...) Muita gente torce o nariz, levanta as sobrancelhas ou movimenta-se com impaciência quando ouve e o enunciado “cultura popular”“. (ARANTES, p.8). Infelizmente a grande maioria da elite intelectual só valoriza a “cultura erudita”, pois julgam-na dona do saber culto e dominante sobre a cultura popular.

Como negar a importância de tal cultura na nossa sociedade? Nós que vivemos em um país, onde temos uma parcela muito grande de pessoas analfabetas, e outras tantas semi-alfabetizadas. Sabemos que é na essência da simplicidade do povo, onde, ele nos mostra seu valor mais íntimo. Pois, riqueza não é sinônimo de conhecimento, tão pouco de cultura. É em solo nordestino, onde se encontram milhões de pessoas nestas condições, que a literatura de cordel se expandiu de forma excepcional, mostrando para o Brasil e para o mundo que povo iletrado tem cultura sim, fato registrado nos folhetos de cordéis onde podemos encontrar de tudo que se possa imaginar, nos costumes e tradições do nosso povo. Cascudo no diz.

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha

e popular, age falando, cantando representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas nos pátios das igrejas nas noites de novena. (...) (CASCUDO. p.27)

Na citação acima, vimos a importância da cultura popular repleta de costumes, representada nas manifestações vivenciadas do dia-a-dia, principalmente do homem do campo. É importante ressaltar que não é só no Nordeste que existe poesia popular, mas assim como todo o Brasil. Segundo LUYTEN, a literatura de cordel compreende a parte impressa, e como tal, representa menos que 1% da poesia popular, o restante é apenas cantado por violeiros, trovadores ou cantadores.

Em meados do século XIX, havia poesia popular regulamentada em todo o país, já que a maioria da população era rural e cada região tinha sua poesia peculiar, pois devidos às grandes distâncias, e não dispo de sistemas de comunicação de massa que temos hoje. As poesias não fluíam de um modo único, em nosso imenso país, as regiões de certa forma ficavam isoladas, não permitido o contato entre os diferentes tipos de culturas. Dessa forma, a “linguagem” apresentavam de diferentes formas, assim como existiam muitas expressões regionais desconhecidas.

Ainda, segundo LUYTEN (2007), houve dois acontecimentos, a partir do segundo império, que modificaram boa parte da cultura popular brasileira. Um deles foi a imigração europeia para o sul do país, que introduziu muitos moldes diferentes, em detrimento dos que já existiam no local. Outro foi a grande expansão dos nordestinos para toda a área amazônica, por ocasião do ciclo da borracha. A respeito disso, Luyten, assim confirma nosso pensamento.

No Restante do País, assistimos a um avanço tecnológico da poesia nordestina. Com a ida de migrantes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília. A cultura popular nordestina está se tornando sinônimo de cultura popular brasileira. (...) Além disso, a poesia popular possui um grande trunfo: o hábito de imprimir seus poemas mais representativos. Assim, temos a literatura de cordel, hoje símbolo, no mundo todo, da cultura popular do povo brasileiro. A Sextilha nordestina (estrofes com seis versos de sete sílabas) tornou-se a maior expressão poética de toda a história. (LUYTEN, 2007, pag. 16-17)

Hoje, em pleno século XXI, a literatura de cordel ainda permanece triunfante, mesmo depois de passar por alguns momentos de crise. E tende a continuar sua trajetória de informar o povo humilde e iletrado nos anos que irão de vir.

4. Jose Camelo, e obra O Romance do Pavão Misterioso

O autor em destaque nasceu no dia 20 de abril de 1885, na localidade da cidade de Guarabira, onde hoje é atual cidade de pilõezinhos e faleceu em Rio Tinto no dia 28 de outubro de 1964. O referido poeta era muito inteligente e tinha uma boa imaginação. Assim, começou a escrever os seus primeiros folhetos nos anos de 1920. A referida obra que tornou seu nome conhecido nacionalmente teve sua primeira publicação no ano de 1923. Camelo escreveu outros romances populares como: “Coco Verde e Melância”, “Entre o amor e a espada” “História de Joãozinho e Mariquinha”, entre outros. Todas essas obras foram editadas por João Martins de Ataíde, e também as referidas obras foram reeditadas por José Bernado da Silva e seus herdeiros, residente no Juazeiro do Norte.

O romance do “Pavão Misterioso” é uma obra narrada nos moldes tradicionais, com 32 páginas, sendo ao todo 141 estrofes de seis versos de sete sílabas. Camelo, não se preocupou em publicar sua obra depois de pronta, ele apenas a cantava em suas apresentações. Além de poeta, Camelo era excelente xilógrafo. Sabendo disso, donos de alambiques o procuraram para falsificar selos para burlar a fiscalização da Fazenda Paraibana.

Depois que foi descoberta a farsa, Camelo teve que exilar-se por um período no Rio Grande do Norte. Foi neste período, que João Melchíades de posse de uma cópia do romance, aproveitou para publicar em seu nome, já que seu verdadeiro autor estava ausente. Camelo denuncia o golpe, mas não adianta e os créditos do romance continuariam a ser dado ao poeta João Melchíades.

5. Síntese e aspectos da Obra

Diferentemente das obras de cordéis que retratam, em sua maioria, a vida do povo nordestino, o “Pavão Misterioso” conta a história de um rico herdeiro turco que se apaixona por uma foto de uma donzela, fato este, que torna a obra provavelmente uma das mais emblemáticas da literatura de cordel.

O romance nos fala, que na Turquia morava um homem muito rico, este tinha dois filhos chamados João Batista e Evangelista. O primeiro diz ao irmão Evangelista que ia descansar um pouco e resolve viajar. E assim o faz, e vai parar na Grécia. Lá fica sabendo que mora um Conde muito orgulhoso que mantém presa no alto de um sobrado a filha chamada Creuza, dona de uma beleza encantadora.

O seu pai sempre a mantinha presa no alto da torre, e quem quisesse admirar sua beleza só podia ser uma vez por ano do alto de uma janela. Então João Batista resolveu levar como presente para seu irmão um retrato da donzela. Evangelista vendo a foto da donzela da Grécia resolveu na mesma hora partir para onde ela morava. E assim chegando ao país, ele se planejou para conhecer a “moça do retrato”.

Ele contratou os serviços de um engenheiro habilidoso e pediu para que este crie uma invenção que lhe permitisse entrar no quarto da condessa Creusa. O engenheiro Edmundo, depois de seis meses, lhe mostrou um “pavão mecânico”. Evangelista, à meia noite sobrevoou o sobrado onde Creusa dormia. E, depois de algumas tentativas ele conseguiu libertar a condessa da “prisão” onde ela vivia e juntos partiram para a Turquia, casando logo em seguida. Depois de alguns anos, o Conde morreu e eles retornaram a Grécia, onde viveram sossegados.

A influência dos contos árabes é notória no referido romance. Segundo Franklin Machado (1986) o pavão misterioso tem várias paisagens inspiradas em histórias contadas das Mil e Uma Noites. Tal pavão voador foi recriado da historia de Aladim, onde temos o tapete voador.

O Pavão Misterioso, de José Camelo de Melo Rezende, inspirado talvez num tapete voador árabe, embora o enredo se passe na Europa, mas especificamente Turquia e Grécia. Quiçá, seja a atualização do tapete, quando Santos Dumont experimentava o balão na Europa. (MAXADO, 1980, p. 32)

O pavão é conhecido por ser uma ave mística. E neste conto o seu mistério se faz maior, porque não se trata de um pavão de carne, osso e pena como conhecemos e sim, um pequeno aeroplano feito por um engenheiro.

O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano

De pequena dimensão
 Fabricado de alumínio
 Com importante armação.
 (O "Pavão Misterioso". CAMELO, José de Melo Resende, p.11)

Se compararmos o "Pavão Misterioso" com os contos escritos por Sharesad da célebre história das *Mil e Uma Noites*, mais precisamente na história de Aladim, onde a mágica se faz presente para beneficiar o herói da história que é auxiliado por um tapete voador e um gênio para conseguir realizar suas aventuras. É nítida a semelhança que acontece na história, do romance do Pavão Misterioso, repleta de objetos mágicos, que são fundamentais para o desfecho final do referido romance. No romance, Evangelista, tem um engenheiro que lhe faz uma máquina voadora em forma de pavão para que ele possa realizar sua missão de libertar a Condessa.

Tinha cauda como leque
 As asas como pavão
 Pescoço, cabeça e bico
 Lavanca, chave e botão
 Voava igualmente ao vento
 Para qualquer direção.
 (O "Pavão Misterioso". Camelo, José de Melo Resende, p.11)

O romance do "Pavão Misterioso" está entre os contos em que MAXADO (1999), classifica como contos maravilhosos e mágicos, nos, quais o herói tem à sua disposição o auxílio de um objeto mágico, ou um animal maravilhoso, ou até mesmo a mistura de ambos para cumprir tarefas difíceis senão impossíveis, caso objeto em questão não estivesse presente, de modo a reforçar o caráter do objeto misterioso como protagonista da história. Por isso que o título da obra é o objeto mágico em si o "Pavão Misterioso", que, como num passe de mágica ao apertar um simples botão, a invenção se transforma em um aeroplano à disposição de Evangelista.

Eu fiz o aeroplano
 Da forma de um pavão
 Que arma e se desarma
 Comprimido em um botão
 E carrega doze arroba
 Três léguas acima do chão.
 (O "Pavão Misterioso". CAMELO, José de Melo Resende, p.12)

O maravilhoso tema presente neste romance, onde Camelo criou um herói capaz de ir ao outro reino distante, para libertar uma condessa que vivia trancafiada em sua própria casa desde criança. Não é atoa, que o título do romance, é o Pavão Misterioso, pois, justifica a importância do "objeto maravilhoso" no referido romance.

E para conseguir tal proeza, o herói é auxiliado por objetos mágicos, como vimos na referida história.

O “Maravilhoso” aparece como uma constante na Literatura de Cordel. O poeta folhetista dá largas a sua imaginação, criando seus heróis formidáveis e fazendo-os vencer toda sorte de atropelos. Esses heróis recebem o auxílio de magos, fadas, figuras misteriosas e bruxas, (...) doando-lhes objetos mágicos ou substâncias capazes de vencer o tempo e o espaço. (BARROS, p.14)

Se o “Maravilhoso” aparece como tema constante nos folhetos de cordéis, o “Fantástico” é outro recurso que o poeta popular usa na imaginação do seu dia-a-dia. Na referida história do pavão misterioso, o autor abusa da arte de criar fantasias. Inventando um novo mundo repleto de mistérios, objetos mágicos e heróis valentes, convidando desse modo o leitor a entrar neste mundo do imaginário, onde o fantástico e o maravilhoso são apenas elementos capazes de nos fazer acreditar no inacreditável.

6. Considerações Finais

Vemos que o processo histórico da literatura popular, a arte da oralidade, se iniciou na Idade Média, com os poetas nômades. Com decorrer dos séculos, surgiria grandes obras de origem portuguesas que fizeram muito sucesso. E estas histórias chegaram ao Brasil, despertando o espírito criativo dos poetas brasileiros, para uma exploração sem fim, das mais diversas histórias que viriam a surgir.

O grande trunfo do cordel é o hábito de imprimir seus folhetos mais significativos, quase sempre, pelos próprios poetas, sem preocupar muito com a estética dos folhetos. Sabemos que pessoas semiletradas são capazes de escrever histórias fantásticas. Como Camelo, o romance do pavão fez milhões de pessoas sonhar, se imaginando estar em Meca ou na Grécia, pensando na beleza da condessa Creuza, como seria esse pavão misterioso e torcendo por um final feliz dos personagens.

É essencial que as crianças, jovens e adultos entrem neste universo do conhecimento e que tenham conhecimento da literatura de cordel, para que possa ser valorizada ainda mais e não se perca em nossas memórias. Acreditando que ela

tende a se perpetuar, uma vez que ela faz parte da gente, é a prova concreta da manifestação maior íntima dos nossos ancestrais, das nossas tradições mais originais, daí a necessidade de se cultivada nos centros acadêmicos.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura de popular**. São Paulo : Brasiliense, 2006.

BARROS, Leandro Gomes de. Literatura de Cordel. **Literatura popular em verso**, Antologia Tomo III – Fundação Casa de Rui Barbosa - Universidade Federal da Paraíba, 1977

CASCUDO, Luis da Camara. **Literatura Oral no Brasil** – 3º ed. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia ; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1984

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo : Claridade, 2010

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo : Brasiliense, 2007

MAXADO, Franklin. **Literatura de Cordel**. São Paulo : Hedra, 2007

SOUZA, Manoel Matusalém. **Antologia de Cordel**. Guarabira – UEPB, 1996